

GUERRA JUNQUEIRO E A FOLHA — PRIMÍCIAS

HENRIQUE MANUEL PEREIRA

[Organização, introdução, fixação de texto e notas]

Prefácio | ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Capa | PEDRO CASCALHEIRA

Revisão e paginação | MARGARIDA BALDAIA

Edição | ALFORRIA-TENACITAS

© HENRIQUE MANUEL PEREIRA

Distribuição | EDIÇÕES TENACITAS

Rua Bartolomeu Dias, 23 — 3030-041 Coimbra

geral@tenacitas.pt

1.ª edição | Março 2016

Impressão | Papelmunde

ISBN | 978-989-8665-21-8

Depósito legal | 407016/16

Este livro foi composto com os caracteres Adobe Garamond Pro e Minion Pro.
O miolo foi impresso em papel Munken Pocket Plus 80 g e a capa em Cromo 240 g.

HENRIQUE MANUEL PEREIRA
[org.]

**Guerra Junqueiro
e *A Folha*
primícias**

Seguido de Índice Geral da revista

Prefácio de
António Cândido Franco



Guerra Junqueiro e *A Folha* de João Penha

Entre dezembro de 1868 e abril de 1873 editou e dirigiu João Penha em Coimbra um jornal literário, com cinco séries, uma por cada ano, chamado *A Folha*. Três anos antes do início da publicação tivera lugar na mesma cidade, a propósito da publicação em Lisboa do *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, prefaciado por António Feliciano de Castilho, uma polémica que colocou Antero e Teófilo Braga, cada um com pouco mais de vinte anos, na dianteira duma nova geração que não se satisfazia já de monarquias e catolicismos. É no seio deste processo de renovação geracional, que o foi da literatura à ciência e da religião à política, que convém colocar o jornal que aqui nos ocupa.

João Penha, nascido em janeiro de 1838, chegou a Coimbra tarde, no ano de 1864, com 26 anos feitos, e, cabulão impenitente como era, só de lá saiu, formado em leis, uma década após, aos 36 anos, com as primeiras neves no cabelo. Já por lá andava pois no momento em que se deu a incendiária diatribe do “Bom Senso e Bom Gosto” mas ainda em processo de adaptação. Embora mais velho do que Antero e do que Teófilo, quatro e cinco anos respetivamente, estava longe de ter a maturidade estética e filosófica do primeiro e a capacidade de labor e construção do segundo. Não obstante é à volta de Penha que logo uma nova onda acabada de quebrar nas praias do Mondego se arremontará. Tanto Antero como Eça, como Teófilo, estavam

“o famoso e pujante matador do frascário D. João, entrando n’A *Folha* repleto de romantismo, de reticências e de admirações, saiu positivo, sóbrio, gramatical, quase clássico; neste poeta, um dos primeiros entre os modernos, assim como em quase todos os que escreviam n’A *Folha*, notará, o que se der ao incómodo de ler esse periódico, a benéfica e salutar influência do exemplo de João Penha”².

As relações de Guerra Junqueiro com *A Folha* estavam até hoje por estudar ou, ao menos, por atualizar. A sua memória, vivíssima nas gerações contemporâneas do poeta em Coimbra, como se prova no testemunho de Crespo, foi esmorecendo, só ressuscitando de forma ocasional e sempre parcial, até se esvaír de todo nos dias de hoje. O autor de *Pátria* passa por ser poeta de gestação espontânea, associado tão-só à geração de 70, mas não às raízes dela, e de quem nada se sabe e deve saber relativo à década de 60. E no entanto foi nesse arco que o poeta se forjou, granjeando até parte dos versos que dão corpo ao que para muitos é o seu livro de estreia, *A Morte de D. João* (1874).

Basta isto para este volume de Henrique Manuel Pereira — e só em 2015 a paixão deste incurável deu à estampa dois valiosos conjuntos junqueirianos, *Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica* e *Guerra Junqueiro na Lusofilia Francesa* — se tornar nosso credor. Nele se recolhem as composições dadas a lume pelo poeta n’A *Folha* de Penha, mais de meia centena, indicando-se depois em proveitoso quadro a sua ulterior publicação em livro

² Gonçalves Crespo, “João Penha”. *A Renascença*. Fasc. IV (abril 1878), p. 63.

— 11 n’A *Morte de D. João*, seis n’A *Musa em Férias* (1879) e um n’A *Velhice do Padre Eterno* (1885). Se estes 18 poemas são comuns ao leitor de Junqueiro, já os restantes são de todo desconhecidos, ou porque nunca foram reeditados, fazendo a vez de quase inéditos, ou, quando o foram, porque ficaram inumados em publicações de alcance local e muito limitado, como sucede ao estupendo soneto “A Flor da Noite”, dado a público na derradeira série d’A *Folha* e que os leitores do poeta não se cansarão aqui de saborear. Aos textos escrupulosamente transcritos e anotados acresce ainda a epistolografia recolhida, que enriquece o conjunto. Não custa ver que temos hoje entre mãos o trabalho exaustivo e definitivo que faltava em matéria de relações de Junqueiro com *A Folha*.

O poeta das “orações” teve até hoje três monumentos críticos: Lopes de Oliveira, este ainda em vida do grande iconoclasta, Amorim de Carvalho e agora Henrique Manuel Pereira. Dos três, o último é o *primus inter pares*, porque muito trabalhou já e ainda lhe faltam para em definitivo se cumprir muitos anos de realizações. Pelo trabalho rigoroso e apaixonado, pela atenção e pela persistência, que encontra sempre novos motivos de observação e de encanto, por tudo o que nos tem dado já, e tanto e tão continuado tem sido, a ponto de ser ele quem hoje num vasto círculo de entendidos melhor sabe do poeta, e por tudo o que ainda dele esperamos, e que tanto e tão alto pode ser, merece o organizador deste trabalho a gratidão de todos os que admiram e estudam Guerra Junqueiro.

António Cândido Franco

17/18-07-2015